

“O sujeito psicótico escreve...”*

Uma resenha.

Antonia Claudete A. L. Prado

Este texto resulta do trabalho de investigação de Éric Laurent sobre as psicoses, desenvolvido no Setor Clínico do Departamento de Psicanálise da Universidade de Paris VIII, e no seminário de doutorado de Jacques-Alain Miller. Compõe uma série de dez conferências de Laurent, proferidas na Argentina, e foi por ele incluído na Parte III – *A psicose e seus limites* (pp. 184-190) – da Coletânea idealizada por Manoel Barros Motta, intitulada “Versões da Clínica Psicanalítica”.

Laurent inicia falando da psicose como “um sistema de tomada de notas” em contraposição à histeria cujo sistema se mantém acobertado pelo seu “teatro interno”, lembrando que, enquanto na neurose o inconsciente é mantido encoberto, na psicose ele é colocado de forma explícita – escrito em um bloco de notas. Frente a essa escrita, coloca a seguinte questão: o que o discurso psicanalítico pode fazer com esse texto tendo em vista os limites que a psicose impõe à interpretação? Como estabelecer uma interlocução com um sujeito que escreve “quando a via da interpretação é barrada? Aborda essa questão retomando a citação de Lacan sobre o “gênio freudiano”, quando, ao trabalhar os textos de Schreber, decidiu introduzir ali o “sujeito [do inconsciente] como tal”, atribuindo-lhe um saber – o que tem valor de intervenção – o que leva Lacan à seguinte formalização: “introduzir o sujeito como tal, o que quer dizer não avaliar o louco em termos de déficit de dissociação das funções”. Conclui Laurent, dizendo que a proposta de Lacan é abordar o sujeito pela lógica do saber inconsciente, atuando, o analista, na posição de secretário do alienado, de forma a “introduzir o sujeito no texto psicótico e a ordenar, a partir daí, a produção que irá manifestar-se no tempo”.

Sobre a leitura do texto psicótico, o autor traça um paralelo entre a posição do lingüista e a do psicanalista, indicando as distintas dimensões em que se dão as duas interlocuções: a do psicanalista interpelando o sujeito do inconsciente e a do linguista, preso às estruturas da língua, Jacobson, a partir de sua leitura da poesia de Hölderlin, via ali a prevalência do monólogo na relação com o Outro em detrimento do diálogo,

* LAURENT, É. *O psicótico escreve...* In: *Versões da Clínica Psicanalítica*. Rio de Janeiro, Zahar, 1995.

considerando que essa “estrutura monológica” é a mesma que ocorre com o sujeito psicótico. Equipara assim, a estrutura poética de Hölderlin à estrutura psicótica, idéia que contraria o posicionamento de Lacan sobre a psicose, ao dizer que o psicótico consegue dialogar sim com o semelhante, porém, é incapaz de estabelecer um monólogo com o Outro, como Schreber, que sempre manteve o diálogo com a esposa e com os leitores, enquanto que o relacionamento com o Outro “estava profundamente perturbado”, o que o conduziu às suas produções delirantes.

Jacobson apresenta, em 1976, como uma descoberta sua, a ausência de embreantes (shifters) no texto psicótico. Entretanto, Lacan, valendo-se do conceito jacobsoniano de ‘embreantes’, já havia indicado isso, antecipando Jacobson em vinte anos. A importância aqui está no aspecto não dialético da certeza psicótica, o que leva Laurent a retomar as noções de ‘aproximação’ e ‘afastamento’, não em termos de dialética, mas em relação ao par ‘presença/ausência’, ao lugar do gozo na escrita psicótica, o que não é considerado pela linguística.

Laurent, então, dá ênfase à introdução da categoria de sujeito pelo psicanalista valorizando a ficção literária do psicótico, tomada como ficção, em termos benthanianos - da “distribuição partilhada do gozo”, destacando a função fundamental do texto como operador de um “esvaziamento do gozo”. A lógica do sujeito, tal como formulada por Lacan, é pautada na teoria dos conjuntos, na qual a função do conjunto vazio insere a “lógica da barra”. Isso remete à função do psicanalista de introduzir aí um furo que possibilita o esvaziamento necessário do gozo. Laurent observa, lembrando Lacan, que na psicose há o rechaço do inconsciente, mas não do lugar do analista no dispositivo, “lugar da aparência de furo que o sujeito tenta produzir em seu delírio”, furo esse para onde ele endereça sua letra em seu duplo aspecto: letra-gozo/letra-lixo. O analista, na função de secretário, recebe essa letra e a despacha. Como semblante de furo, insere aí um menos capaz de promover o esvaziamento do gozo, de favorecer “a perda necessária” da letra-lixo.